



O pesadelo da história, anotações sobre um texto de James Holston

Autor(es): Quintais, Luís

Publicado por: Editorial do Departamento de Arquitetura

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/37397>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/1647-8681_2_5

Accessed : 17-May-2017 10:05:41

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



JOELHO

02

INTERSECÇÕES: ANTROPOLOGIA E ARQUITECTURA

Coordenação:

Paulo Providência

Sandra Xavier

Luís Quintais

Comunicações:

Georges Teyssot

James Holston

João Leal

Sergio Fernandez

Comentários:

Jorge Figueira

José António Bandeirinha

Luís Quintais

Paulo Providência

Sandra Xavier



O pesadelo da história,
anotações sobre um texto
de James Holston

É a história o pesadelo de que se deve acordar?

Em *Ulysses*, Joyce afirma-o sem peias através de Stephen Dedalus. Memoravelmente: «A história, disse Stephen, é o pesadelo do qual eu estou a tentar acordar.» [-History, Stephen said, is a nightmare from which I am trying to awake.]¹ Mr. Deasy retorquirá adiante que os caminhos do Criador não são os nossos, sendo que toda a história se move de acordo com um desígnio, a manifestação do Criador. [-The ways of the Creator are not our ways, Mr. Deasy said. All history moves toward one great goal, the manifestation of God.] Miúdos jogavam à bola lá fora. Stephen aponta para a janela, referindo-se a um aviso de golo, e diz: «Aquilo é Deus.» «O quê?», interroga-o Deasy, e Stephen responde, «Um grito na rua». [§ From the playfield the boys raised a shout. A whirring whistle: goal. What if that nightmare gave you a bad kick? § - The ways of the Creator are not our ways, Mr Deasy said. All history moves towards one great goal, the manifestation of God. § Stephen jerked his thumb towards the window, saying: - That is God. § Hooray! Ay! Whrrwheel! § - What? Mr Deasy asked. § - A shout in the street, Stephen answered, shrugging his shoulders.]²

Em «Generative copies: modernist architecture and urbanism in Brazil», James Holston considera a vontade destrutiva e projectiva que a modernidade (e com ela aquilo a que chamamos de modernismo) encena. Retomando as palavras de Stephen Dedalus, dir-se-ia que, para os modernistas (sejam eles Joyce ou Le Corbusier, Eisenstein ou Eliot, Wittgenstein ou Malinowski), o grande desafio será, justamente, libertarmo-nos do pesadelo da história.

Para onde quer que olhemos, descobrimos sempre um mesmo impulso projectivo que faz da «revolução» a sua matriz ou expediente normativo, que reitera obsessivamente a urgência e a necessidade de eliminarmos o «ruído» - e o ruído é seguramente uma das grandes metáforas modernas -, seja sob a forma de excesso, seja sob a forma de decorativismo. O ruído poderá ser a história, sem dúvida.

O tema tem implicações profundíssimas na matriz conceptual moderna. Saussure faz opor «língua» e «fala», «sincronia» a «diacronia», colocando a ênfase na língua, isto é, na «estrutura». A fala é o ruído de Saussure, tal como o é a diacronia. Malinowski elimina a especulação evolucionista, essa patologia histórica inscrita na teoria. Fá-lo em nome da sincronia, mais uma vez; algo que, de maneira ainda mais notória, guiará Radcliffe-Brown. Eliot declinará melancolicamente a pesada tradição europeia e a trágica esterilidade que lhe corresponde. The

Waste Land é também o poema da esterilidade da história e do trágico desenlace dessa esterilidade. Wittgenstein procurará eliminar o ruído das proposições sem sentido, fazendo radicar o edifício do Tractatus num esforço de purificação normativa da linguagem, o que, em parceria com Paul Engelmann, virá a ter uma tradução arquitectónica na casa Stonborough. Adolf Loos, o mestre de Engelmann, criminalizará o «ornamento», numa máxima hoje célebre.

O ruído e a sua rasura. O pesadelo da história a ensombrar a vontade projectiva e utópica que mobilizará as hostes modernas.

O modernismo arquitectónico e urbano brasileiro de que trata Holston denuncia esta inquietação profunda com o ruído da história. A arquitectura afigura-se-nos aí o compêndio, por excelência, deste movimento em direcção a um futuro que só pode olhar para a história como um escolho que deverá ser ultrapassado ou pulverizado pelas forças destrutivas do moderno. A destruição como produção. A negatividade como positividade.

Holston reflecte sobre o «paradigma coerente e global» representado pelo CIAM e seu transporte para o território brasileiro, de que Brasília é emblema. Para Holston, o paradigma traduzia uma vontade de «reescrita da história», um propósito claro de concretizar o «salto para um futuro radiante» através do «desenho total». Tratar-se-ia de uma aspiração holística, a-contextual, em suma, totalitária, dos fazedores da pólis.

Esta aspiração terá, no Brasil modernista, um dos seus mais singulares percursos, quanto mais não seja porque os seus protagonistas não foram somente os arquitectos, esses agentes normativos de poder e transformação social. A normatividade da arquitectura pode, aliás, ser calibrada pela atenção às apropriações menos óbvias que a etnografia reclama.

Holston mostra-nos o carácter seminal da antropologia enquanto problematização ou investigação do presente que é capaz de nos revelar as apropriações da norma e a metamorfose da norma. Revela-nos como a atenção às utopias transformadas em heterodoxias no presente é uma das vocações da antropologia.

A etnografia, enquanto imersão no presente e na complexidade do presente, propõe-nos uma estratégia que compromete esse impulso utópico que a modernidade tendeu a subscrever. Vem, se quisermos, repor o ruído da história. E o ruído da história poderá estar na fluidez não normativa - e felizmente equívoca - do indócil «popular». Assim, para lá da normatividade da grande tradição representada pelos émulos de Le Corbusier, o Brasil é um cadinho de experiências não domiciliáveis no blueprint do CIAM. O Brasil além de Brasília é a afirmação mais acabada de que houve vida - e modernismo - para lá do mantra de Sigfried Giedion.

Os processos de «auto-construção» - de «modernismo popular», pese embora a tentativa de trivialização subjacente ao rótulo - radicaram numa efectiva «disseminação» da programática arquitectónica e urbanística do CIAM, uma disseminação que só poderá ser entendida como uma apoteose do moderno que encontrou, em solo brasileiro, o seu espaço de afinidade e eleição. Em suma, de territorialização.

Holston é um antropólogo que enriquece a nossa visão do moderno, densificando-a. Revela-nos como o contexto brasileiro se viria a afirmar como o solo e o subsolo «natural» do moderno. O solo representado pela ilustração da falência do normativo - de que serão porventura exemplos Brasília e o Memorial da América Latina em São Paulo - e o subsolo representado pelas apropriações antropofágicas (e populares) do moderno e pela densificação do urbano que virá a qualificar socialmente (e acidentalmente) o escultural Copan.

A apoteose do modernismo está assim na celebração apropriadora de um espaço que é uma ecologia que foge à transitividade e à normatividade da arquitectura e das suas pretensões maximalistas. Neste contexto, dir-se-ia que o Brasil de Niemeyer - o triunfo do ídolo! - é equívoco se o cotejamos com a pureza do desenho total e totalizador que encontramos na gramática do CIAM. Não há pureza. Uma forma de modernismo sujo atesta esse triunfo.

Holston desdobra, no seu texto, a poética do «ordinário» e do «feio», o seu poder compositivo e o seu poder social e político. A lição tem um sentido amplo que o Brasil parece acolher: por um lado, só há grande arquitectura - e arquitectura moderna - quando esta é perigosamente apropriada pelas complexidades, circunstancialidades e densidades locais. É uma reafirmação muito sustentada do «lugar», essa tópica antropológica sem a qual a arquitectura nenhum préstimo terá para lá do sobre-préstimo da distinção e da fatuidade arrogantes; por outro, é a nossa leitura do que é o moderno tout court que merece redefinição: sem a inclusão do «ruído» todo o triunfalismo modernista se esvairia certamente.

Ninguém compreendeu isso melhor que James Joyce. Apesar da sua tentativa de descarte do pesadelo que a história é ou poderá ser, Stephen Dedalus faz sublinhar, ironicamente, o ruído - que é a história, que é Deus! O ruído de um grito que atravessa muros e janelas e que é a imagem acústica de uma positividade equívoca e, afinal, feliz. Miúdos jogam à bola na rua. Um grito de golo («goal» ou desígnio, a usarmos a ambiguidade semântica que o idioma original nos impõe).

É uma rua de Dublin. Mas poderia ser uma rua de São Paulo ou do Rio de Janeiro.

1 → Joyce, James (1992 [1922]), *Ulysses*, Londres, David Campbell Publishers Ltd, p. 48.

2 → Id., *ibid.*